

**A MECANIZAÇÃO DO PRAZER:
SEXUALIDADE E CORPO NO CIBERESPAÇO**

Aguinaldo Rodrigues Gomes

Doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas.
Professor Adjunto do Curso de História do Centro Universitário de Rondonópolis da
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).
e-mail: aguinaldorod@gmail.com

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A mecanização do prazer: sexualidade e corpo no ciberespaço. *albuquerque* – revista de história. vol. 7, n. 13. jan.-jun./2015. p. 101-121.

Resumo: Proponho-me aqui a discutir o processo de mecanização do prazer propiciado pelo advento da Internet, identificando uma nova sociabilidade e uma reconfiguração dos corpos no ambiente virtual. Para tanto, recorro a depoimentos colhidos nos sites de “bate-papo” buscando situá-los no debate teórico acerca da pós-modernidade.

Palavras-chave: Corpos; Internet; Sexualidade.

Abstract: I propose here to discuss the pleasure mechanization process provided by the advent of Internet, identifying a new sociability and a reconfiguration of bodies in the virtual environment. Therefore, I use statements collected on chat sites, seeking to place them in a theoretical debate on post-modernity.

Key-words: Bodies; Internet, Sexuality.



Muitos são os temas privilegiados pela historiografia contemporânea, dentre eles destacamos o campo da sociabilidade mediada pelos meios de comunicação, discutido, sobretudo, na epistemologia dos estudos pós modernos.

Houve um tempo em que a mídia dedicava-se ao tema da sexualidade buscando estimular os leitores a experimentar novas experiências sexuais por meio do contado corporal. Os editoriais, destinados, sobretudo, às mulheres, estavam recheados de “dicas” para apimentar os relacionamentos entre os parceiros sexuais, a exemplo do que encontramos em um *site* chamado *Amor e Sexo*:

Selecionamos dicas que irão transformar todas as datas em momentos pra lá de especiais.

Despertar erótico: Chegou o dia tão esperado e você tem duas alternativas para começá-lo bem: o acorda completamente nua ou aproveita para fazer massagens em suas partes “mais sensíveis”. Não tenha dúvidas que ele irá entender de imediato o que deseja.

Banho de relaxamento: Depois de uma dose de ação logo pela manhã, nada melhor que um banho. Mas para que não seja apenas mais um, é aconselhável que você prepare o terreno antes. Use óleos para massagens, muita espuma e uma esponja bem macia.

Café da manhã quente: Enquanto ele se arruma para o trabalho, prepare um rico e energizante café da manhã. Sente-se bem diante dele apenas com uma camisola sensual. Se insinue enquanto ele come. Pode ter certeza que ele ficará excitado.¹

¹ Disponível em <http://www.cabecadecuia.com/amoresexo/search/?q=fantasia%20sexuais&pag=2>, acessado em 24/06/2010.

As sugestões estão divididas em temas que vão desde o despertar do parceiro, passando por um banho relaxante e chegando ao café-da-manhã; as atividades cotidianas revestidas, portanto, de um erotismo antes ausente. As estratégias eróticas apresentadas voltam-se, principalmente para o universo cotidiano dos casados. Fato interessante que revela uma mentalidade que privilegia a heteronormatividade e os relacionamentos monogâmicos².

Um atraso justificado: Com tanta provocação, não será difícil fazê-lo se atrasar um pouquinho para seus compromissos. Ele estará com tanto tesão que não pensará nem um segundo sobre o que fazer. Aproveite, afinal, um sexo apaixonante atrás da porta de sua casa não se tem todos os dias.

Mensagens safadas: Assim que a tarde chegar, escreva de forma discreta ou descaradamente mensagens onde você explica o que pretende fazer com ele quando reencontrá-lo.

Transa de luxo: Uma escapadinha para o motel não faz mal a ninguém, ainda mais em uma data especial. E não espere que ele tome a iniciativa. Surpreenda. Faça você o convite. Prefira os quartos que tenham decoração temática, assim é ainda mais fácil fugir da rotina.

Rapidinha de impacto: Se você não tem tempo ou falta dinheiro para passar algumas horas no motel, pode optar por uma rapidinha improvisada no primeiro lugar que passar na cabeça de vocês. O banheiro de algum restaurante, o carro estacionado em um local escuro, dentro de um closet. Enfim, qualquer lugar é ideal para matar a sua sede por sexo.

Jantar afrodisíaco: Já em casa, prepare um jantar afrodisíaco. Mas cuidado para não escolher uma comida muito pesada. E, além da refeição, brinque com ele o tempo todo. Use seus pés para fazer carinhos por baixo da mesa, solte olhares sugestivos e, logo depois da sobremesa, retire-o para dançar. Apague as luzes, acenda uma vela, sussurre no ouvido dele o que deseja e o resto é por conta dele.

Surpresa erótica: Para fechar o dia com chave de ouro, realize uma de suas fantasias sexuais. Vale tudo, desde que o objetivo principal seja o prazer. Fazer sexo no telhado, fingir que são desconhecidos, brincar de professor e aluna... Use a sua imaginação e realize os desejos do parceiro. Esse tipo de atitude será, com certeza, o melhor presente da vida dele.³

² Trabalhos importantes foram produzidos visando compreender a construção de imagens masculinas e, sobretudo, femininas na imprensa. Editoriais voltados para as mulheres e que ofereciam “dicas” semelhantes têm marcado a imprensa, em especial a partir dos anos 1960. Ver: BORGES, Dulcina Tereza Bonati. *A cultura “psi” das revistas femininas (1970-90)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 1998. Mais recentemente, este espaço tem sido ocupado pelas publicações virtuais, como a supra citada.

³Idem, acessado em 24/06/2010.

O segundo bloco de conselhos sexuais expressa a necessidade de tirar os parceiros do lar e diversificar os hábitos do casal para não cair na monotonia. Saliente-se aqui que, novamente, cabe a mulher surpreender o marido com fantasias, ações e palavras e a estimulá-lo manter uma relação menos convencional com o sexo. A imagem da mulher como fonte de prazeres fora do alcance cotidiano, presente desde as antigas narrativas judaicas e atualizadas pelo cristianismo, está mais uma vez presente, como novas Evas deixando tentadoras maçãs para um também novo Adão.

Note-se que, apesar das iniciativas terem de partir quase sempre da mulher, os atos envolvem um relacionamento entre dois indivíduos, um contato corporal e uma preocupação com o prazer do outro. Hoje, embora essas práticas e publicações continuem existindo, têm de concorrer com alguns elementos novos que acabam por diminuir os contatos físicos entre os indivíduos.

Um dos fatores a ser destacado é o incremento da indústria pornográfica que teve um importante aumento a partir da década de 1970 e estimulou principalmente nos homens a possibilidade do sexo solitário. Também a Internet e os *sites* de relacionamento acabaram por retirar espaços das publicações destinadas à discussão do comportamento sexual. A expansão desse mercado voltado para o sexo acabou provocando um isolamento dos indivíduos em espaços fechados. A sexualidade baseada no contato físico também perdeu espaço para as práticas virtuais. Seria o advento da pós-modernidade o responsável por uma nova sociabilidade baseada no individualismo, hedonismo que substituiu os encontros em espaços públicos?

Marilena Chauí enfatiza que pós-modernidade é marcada pela perda da força explicativa dos “paradigmas” modernos, isto é, de modelos teóricos e, sobretudo, de categorias como os pares ou as dicotomias sujeito/objeto, natureza/cultura, signo/significação, totalidade/individualidade, público/privado/, burguesia/proletariado, reforma/revolução, sociedade civil/Estado.⁴

Segundo Featherstone a pós-modernidade traz como característica, ainda, a formação de novos grupos sociais, que se juntam por objetivos efêmeros, a exemplo da moda, do consumo, da partilha de sentimentos e prazeres:

⁴CHAUÍ, Marilena. Público, privado, despotismo. In: NOVAES, Aduato (org). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 345-346.

Essas coletividades afetivas transitórias, que Maffesoli denomina “neotribalismo”, surgem em sociedades complexas que deram lugar a uma “multiplicidade pululante de valores heterogêneos” e políteístas. Isso chama a atenção para certos traços do mundo contemporâneo que os sociólogos de orientação mais racionalista tendem a negligenciar: trata-se da persistência de laços afetivos fortes, através das quais pessoas se unem em constelações de limites fluidos, afim de vivenciar as múltiplas atrações, sensações, sensibilidades e vitalidade de uma comunidade extralógica, a sensação de estarem juntos, o sentimento comum gerado por uma adesão emocional comum a um signo reconhecível por outros.⁵

Bauman, por sua vez, trata do medo da presença de humanos presente na sociedade contemporânea, que parece reviver o medo da multidão tão característico no século XIX e descrito por escritores como Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe que fazem dessa angústia o mote de criação de seus escritos: “O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos.”⁶

Em “A Condição Pós-Moderna” David Harvey⁷ enfatiza que há uma mudança nos sistemas de comunicação, a exemplo do sistema via satélite, e no fluxo de informações que tornaram o custo e o tempo da comunicação insignificante em relação à distância. Para Harvey, isso representaria mais uma vez um processo de aniquilação do espaço por meio do tempo. Trata-se de uma compressão da temporalidade devido a uma contração dos limites espaciais causado, sobretudo, pela globalização. O esfacelamento do espaço favoreceu a proliferação das relações sociais capitalistas e, conseqüentemente, alterou a subjetividade dos sujeitos.

O autor aponta, ainda, que essa variação na compreensão do tempo e do espaço afeta, inclusive, valores individuais e processos sociais. Destaca-se aí a volatilidade e a efemeridade de modas, serviços, capitais, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias, práticas, ideologias e valores. Em virtude desse fato, ou se desenvolve uma capacidade de adaptação e movimentação com rapidez em resposta às mudanças ou se planeja a própria volatilidade, construindo novos sistemas de signos e imagens. Assim, há ênfase significativa nos valores e virtudes de instantaneidade e de descartabilidade, o

⁵ FEATHERSTONE, Mike. *O Desmanche da Cultura - Globalização, Pós-Modernismo e Identidade*. Rio de Janeiro: Nobel, 1997, p. 72.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 122.

⁷ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 257-276.

importante é ser capaz de abandonar rapidamente um sistema de valores e estilos de vida construir imagens e *personas* que se moldem a diferentes situações.

São tais reflexões que nos permitem problematizar a sociabilidade e a sexualidade contemporâneas. O ciberespaço⁸ e sua condição de simulacro parece encaixar-se perfeitamente na necessidade de impessoalidade e anonimato preconizado pelos sujeitos pós-modernos. Na atualidade, a rede de computadores se espalhou por todo o mundo constituindo o que conhecemos como ciberespaço, sistema “auto-organizante”, hipercomplexo, dinâmico e vivo. Experimenta-se uma alteração dos relacionamentos sociais via *ciberespaço*. As relações são mediadas pelos efeitos da tecnologia e ocorrem num ambiente que podemos chamar de tecno-ambiente. Boa parte da sociedade tem vivido modificações no sentir e nas relações dos indivíduos estendidas pelas tecnologias e sistemas artificiais.

Segundo Mario Costa⁹ a técnica, na sua essência e nas suas manifestações, é um novo tipo de ameaça mortal, capaz de uma expropriação e de uma opressão do homem, não apenas sobre o plano da sensibilidade, mas também sobre aquele da mente. A modificação na subjetividade do sujeito pós-moderno é apontada por ele em sua obra *O Sublime Tecnológico*:

É minha opinião que com as novas tecnologias eletroeletrônicas da comunicação, nos situamos diante de uma transformação radical no campo estético. (...) as novas tecnologias não são uma linguagem, são um ser que excede toda paisagem interior ao sujeito e instaura uma nova situação material. Isto constitui a condição para uma ultrapassagem da dimensão artística, em direção à nova dimensão estética do “sublime tecnológico”.¹⁰

E possível aproximar o prazer proporcionado pela sociabilidade mediada pela máquina à ideia de *sublime* desenvolvida por Lyotard, na qual apresentam-se noções de tempo contraditórias. Segundo o autor,

⁸ Termo cunhado por William Gibson, em 1984 em seu *Neuromancer*. Para Levy o termo designa menos os novos suportes de informação do que modos originais de criação, da navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados.

⁹ COSTA, Mario. *O Sublime Tecnológico*. São Paulo: Experimento, 1995.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 37.

A satisfação proporcionada pelo sublime surge ‘indiretamente’, como um sentimento de dois tempos contrários: as ‘forças da vida’ sofrem um instante, uma inibição, são retidas, reprimidas; depois são deixadas, expandem-se. (...) A causa dessa angústia transitória, a emoção sublime, não tem, pois, nada de um jogo. Contrariamente ao gosto, o sentimento sublime é uma emoção, uma alternância entre o não e o sim afetivo. Comparado com o prazer do belo, o do sublime é negativo, ele comporta esse recuo, como se o pensamento se chocasse, esbarrasse com aquilo mesmo que o atrai.¹¹

A frase proferida por Lyotard “uma alternância entre o não e o sim afetivo”, cabe perfeitamente para definir o sentimento experimentado pelos usuários das sala de bate-papo que encontram-se em meio a essa contradição de exercitar seu prazer numa dimensão simbólica, sem contato físico. Nesse ambiente experimentam-se sentimentos de satisfação e angústia, aceitação e rejeição, um jogo de afirmação e negação do sujeito que se traveste em *persona* com uma identidade fluída.

Ao entrar numa sala de bate-papo encontramos uma variedade de “*nicks*”, ou seja apelidos, que escondem a identidade do indivíduo:

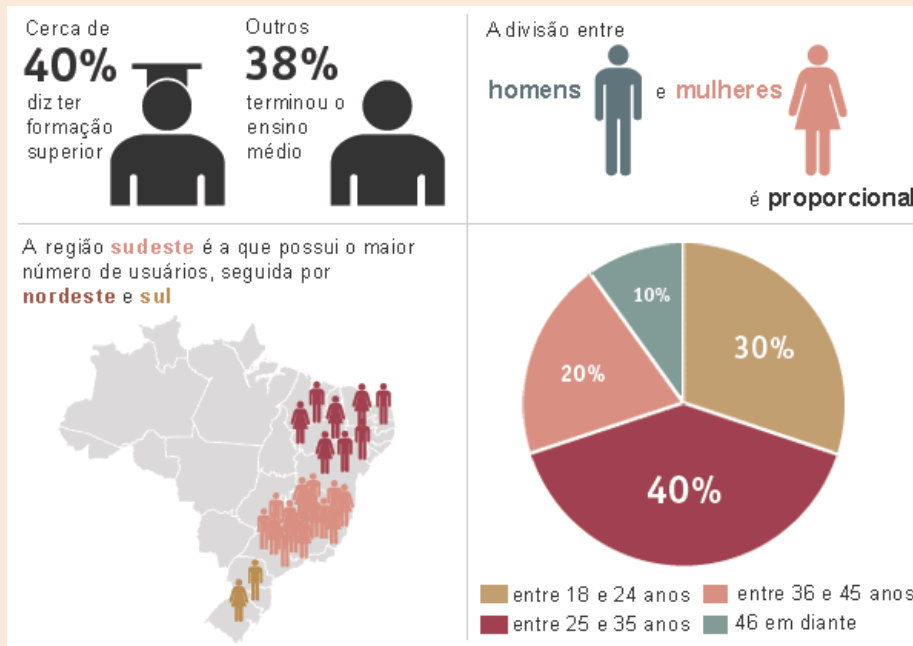
#GULOSA#, \$Josy \$transex, **LARISSA WEBCAM, @MIGO/FIEL, acima da média, Add: bbzinha4@hot, amante h, amoroso, CAFETAO CAM, Felipe, Gato Pauzudo Cam, GATO SARADO cam, gato30cam, jeguim, Linda@Gostosa, MILITAR LISO CAM, novinho tímido, pau gg cam, paulinho pinto lindo na cam, preto, Punhetando na cam, Roludo CAM, Safadinha, safadinho cam, safado cam, SAFADO NA cam, srginho rolão_CAM, tesudopoa21@hotmail¹²

A jornalista Natalia Cuminale¹³, em reportagem da revista *Veja* de outubro de 2009, revela o perfil do usuário dos sites de relacionamento, segunda ela:

¹¹ LYOTARD, Jean François. **Lições sobre a Analítica do Sublime**. Campinas: Papyrus, 1993, p. 224.

¹² Disponível em <http://bps.uol.com.br/room.html.?t=1277145808638>, acessado em 03 de março de 2010.

¹³ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/perfil-usuarios-sites-relacionamento-507944.shtml>, acessado em 06 de março de 2010.



Os dados revelam que a velha ideia de que isso é coisa de homem, caiu por terra e hoje a proporção de homens e mulheres que acessam os *sites* de relacionamento é praticamente igual. Observa-se também entre os usuários que a faixa etária que vai de 25 a 45 anos é maior nesse ambiente.

A primeira constatação de quem decide procurar por companhia em sites de relacionamento é que as iniciativas preliminares dispensam rituais como caprichar na maquiagem e escovar os cabelos. É possível dar um descanso também para o salto alto e o perfume. É que, nesse estágio, as ferramentas para dar início à conquista são o computador, bom senso e alguma criatividade. Para testar o serviço, decidi criar um perfil em alguns dos endereços de namoro on-line que são citados nesta reportagem. Detalhe: todos os sites permitem um cadastro gratuito, porém, limitam a utilização de recursos essenciais para a paquera. Optei pelo pacote básico, sem as vantagens daqueles que pagam uma assinatura mensal, que dá o direito de ler e responder todos os emails, permite chamar o pretendente para um bate-papo virtual, entre outras coisas.¹⁴

¹⁴ Idem.

Os “*nicks*” funcionam como um código de acesso que projeta esses sujeitos para um mundo novo, onde eles podem se reinventar e realizar suas fantasias e desejos mais secretos, mesmo que, quase sempre, de maneira virtual. Os próprios corpos podem ser reconstruídos, realçados ou simplesmente inventados nesse ambiente.

Numa incursão pelo bate papo, podemos descobrir que *LARISSA WEBCAM* é na verdade um homossexual de 50 anos, gordo, grisalho e que se passa por mulher para exercitar o seu voyeurismo.

E talvez que o homem que afirma ser *Acima da Média* pode ter apenas 15cm, a média brasileira, contudo nesse espaço onde vale mais a fantasia, o importante é mentir ou exagerar. Como destaca Warken:

Independentemente da utilização de identidades verdadeiras ou falsas, as pessoas usufruem a presença virtual, a presença não-física ou, como queiram, impessoal, evitando que seus/suas interlocutores/as tomem conhecimento da imagem de suas identidades. Vários são os depoimentos de pessoas, em diversos veículos de comunicação, relatando suas experiências em inventar certas características físicas tidas como “positivas” para seus/suas contatados/as com a intenção de despertar a atenção e, às vezes, o desejo na outra pessoa.¹⁵

Vivemos, assim, um momento de contração do contato físico, do face-a-face, que parece ser característico da atualidade. A historiadora Margareth Rago discute tal questão em “Globalização e Imaginário Sexual, ou Denise está chamando”. No texto, a partir da história de Denise, a autora aborda um comportamento característico de homens e mulheres contemporâneos:

No oitavo mês da gravidez, Denise se apresenta por telefone ao futuro pai de seu filho e informa ter sido fecundada com seu sêmen por inseminação artificial. Radiante de felicidade, este coloca-se à disposição para conhecerem-se pessoalmente e ajudá-la no que for preciso. Segura e tranqüila, ela afirma nada desejar, nem mesmo encontrá-lo, apenas ser acompanhada pelo telefone celular, no momento crucial do parto. Este é um dos momentos mais fortes e cômicos do filme *Denise está chamando*, do diretor Hal Salwen, recentemente exibido nas telas dos cinemas de vários países.¹⁶

¹⁵WARKEN, Roberto Luiz. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1289/1100>, acessado em 06/03/2010.

¹⁶Disponível em <http://www.jorgematheus.jex.com.br/intersexo/globalizacao+e+imaginario+sexual+ou+denise+esta+chamando>, acessado 03 de março de 2010

Segundo Rago, nos encontramos, hoje, numa sociedade absolutamente informatizada, onde as pessoas, sentadas a maior parte do tempo diante de computadores, refugiam-se em si mesmas, fugindo ao máximo dos possíveis encontros sociais substituídos pelo telefone ou pela Internet. Para ela, o mote do filme é assustador, pois:

Em tempos de globalização, de internacionalização da economia, de quebra das fronteiras geográficas, nacionais, étnicas e sexuais, de interação midiática: para onde caminhamos em termos de comunicação e de sociabilidade? Para um total isolamento e atomização, para o recolhimento seguro na esfera da vida privada e da intimidade, protegidos pelas máquinas e pelo telefone? Ou estamos vivendo uma intensificação das relações inter-pessoais e uma quebra das barreiras sociais, individuais e sexuais? As relações pessoais, corpo a corpo, serão mediadas perversamente pelas novas tecnologias, levando-nos a uma terrível solidão e falta de contato físico e sexual? O contato entre duas pessoas será substituído pelo sexo virtual, como alardeiam alguns contemporâneos? Ou, ao contrário, estamos em vias de constituir uma só aldeia global, onde os corpos estarão mais livremente em contato, desembaraçados de antigas mitologias, fantasias e ignorância em relação ao outro?¹⁷

Cabe, então, indagar em que momento deu-se essa ruptura no campo da afetividade? E do contato corpo a corpo? Quais os efeitos que esta forma de comunicação em tais redes eletrônicas tem sobre a sexualidade? Será que os espaços virtuais reforçam os padrões sexuais preexistentes, mantendo as relações de poder; ou a nova oralidade da comunicação baseada no anonimato, espontaneidade e informalidade oferecem uma oportunidade de reversão dessas relações? O exercício da sexualidade nos espaços virtuais é mais uma estratégia de prevenção de doenças sexuais, como a AIDS, através do não-contato; ou é uma expressão clara do individualismo exacerbado da atualidade?

Nem sempre a sociedade manifestou esse comportamento de aversão ao contato corporal entre os indivíduos. Um dos cenários importantes para pensar o contexto das práticas de sociabilidade pautadas pela boemia e pela liberação sexual seriam os Estados Unidos da América dos anos 1950 e 1960. Em função de sua negação a tecnologia e ao modo de vida na grande cidade os *beats* lançaram-se nas estradas na busca de liberdade e de encontros com o outro.

¹⁷ Idem.

Como mostra o escritor Jack Kerouac¹⁸ os *beats* podem ser caracterizados como um grupo de jovens afeitos às rodovias em suas incontáveis viagens nas quais cortavam o continente de ponta a ponta. Adotavam uma postura zombeteira em relação a diversos aspectos do *american way of life*: o modelo familiar – e a devoção à família –, política, religião organizada, dentre outros. De acordo com Sousa Netto¹⁹ a década de 1950, marcada por reformas urbanas que criaram longas avenidas e uma suburbanização das cidades que esvaziaram seus centros, viu renascer uma boemia marcada por uma certa amoralidade, notada na desvinculação entre sexo e a constituição familiar e pelo uso de drogas.

Os *beats* foram divulgados – e apreendidos –, em muito, por suas obras literárias. Porém, sua permanência nas zonas boêmias das cidades e sua constante movimentação ajudaram em sua publicidade e, com a apropriação de seu modo de vida por uma quantidade cada vez maior de jovens, ajudaram a formar o amálgama de uma nova juventude, notadamente universitária, que explodiria na década seguinte. Em especial a sexualidade, o misticismo voltado para as religiões orientais e o uso de drogas seriam absorvidos por uma parcela extremamente significativa da juventude dos anos 1960; “os *beats*, no entanto, são mais que uma lição sobre os riscos de prognósticos culturais. Eles são os últimos boêmios e os primeiros membros da contracultura dos anos 60.”²⁰

O que parecia ser o princípio de uma libertação total do ponto de vista corporal e sexual, acabou se transformando nos anos 1980, com os *hippies* se transformando em *yuppies*. O interesse pela obtenção do poder econômico substituiu a idéia de uma vida comunitária. O cinema, a televisão e a Internet trouxeram o sexo para a ficção e para o virtual. A indústria da pornografia tornou disponível via publicações e televisão as mais diversas práticas sexuais. As mulheres das revistas e da TV pareciam mais sensuais que as da vida real; iniciava-se ali um processo de isolamento do indivíduo pautado pelo consumo e não pelo exercício concreto do sexo.

Esse fato foi agravado nos anos 1980 com o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS –, que levou a um medo coletivo em relação sexo que acarretou o isolamento dos sujeitos na tentativa de não se contaminarem. A fobia aos

¹⁸ O primeiro romance conscientemente *beat* foi *Go (Vá)*, publicado em 1952 por John Clellon Holmes. Em 1956 seria publicado *Howl (Uivo)*, de Allen Ginsberg (*Idem*).

¹⁹ SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. **Poéticas do Desejo** - a interdição do desejo e sua ruptura lida em três contos de João Silvério Trevisan, de 1976. Dissertação (Mestrado em História Social). PPGHIS da Universidade Federal de Uberlândia, 2005, p. 27.

²⁰ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 77.

contatos sexuais atingiu primeiramente os homossexuais que foram estigmatizados pelos heterossexuais e, em seguida, ampliou-se.

Como já assinalou Souza Netto²¹ a década de 1980 deu visibilidade àqueles que fugiam à norma, aos outros: eles devem ser apedrejados diante de sua “comunidade”. Constarão dos catálogos de medicina legal. Serão fotografados, expostos. Os heterossexuais falarão deles abertamente e eles serão apontados nas ruas ou nos cárceres.

Talvez a frustração em relação à liberdade sexual típica dos anos 1960, a vitória do conservadorismo nos anos 1970 que apontava para o casamento e a epidemia das AIDS nos anos de 1980, sejam fatores que podem explicar a transformação das práticas sexuais a partir dos anos 1990. Práticas essas que se pautaram, não mais por contatos reais, mais sim por relações mediadas pelo computador.

Neste sentido uma pesquisa realizada no Canadá revela que os jovens canadenses estão digitalizando suas vidas sexuais ao preferir abraçar seus monitores e tocar seus teclados em vez do contato pessoal, segundo um estudo divulgado nesta terça-feira. Pelo menos 87% dos 2.484 estudantes pesquisados em 150 colégios e universidades do Canadá reconheceram ter sexo virtual através de mensagens instantâneas, webcams ou telefones. "Estamos surpresos que o número seja tão alto. Usar a Internet faz parte da vida deles, por isso tem sentido que isso se estenda a outros aspectos de suas vidas, incluindo as experiências sexuais". frisou Noah Gurza do site CampusKiss.com, que bancou o estudo. A maioria desses estudantes, que têm entre 18 e 23 anos, cresceu utilizando computadores e continua rodeada de tecnologia, seja para estudar ou encontrar amigos, destacou Gurza. Dos entrevistados, 51% eram mulheres e 49% homens. Entre esses entrevistados, 53% já tiveram relações virtuais através de mensagens instantâneas enquanto que 44% por webcams ou telefone.²²

²¹ Idem.

²² Disponível em <http://www.forumpcs.com.br/comunidade/viewtopic.php?t=149758>, acessado em 06/03/2010.

A era da conexão: a sociabilidade por uma fibra ótica.

Um dos exemplos mais chocantes de relacionamento que eliminam a presença física dos parceiros é a que apresenta hoje na cultura japonesa na qual os jovens denominados os *otaku*²³, os japoneses que preferem namoradas virtuais a sexo. O game Love Plus do Nintendo é um simulador de namoro altamente difundido no Japão. Uma reportagem recente publicada no *The Inquisitr*, site de notícias reconhecido internacionalmente, e reproduzido pelo portal de notícias G1(globo.com)²⁴ relata que um jovem japonês conhecido como “Sal9000” se casou com uma personagem de videogame de nome Nene Anegasaki²⁵ numa cerimônia pública.



Fonte: <http://epocanegocios.globo.com/Revista>

²³ Otaku é um termo usado no Japão para designar um fanático por um determinado assunto, qualquer que seja. No imaginário japonês, a maioria dos otakus são indivíduos com tendência a se isolar socialmente, que se atiram de forma obsessiva a um hobby qualquer, chegando em seu ápice a apresentar sintomas de fobia social e de comportamento esquivo. Cabe ressaltar que temos ciência de que o termo recobre um amplo sentido, contudo, no sentido que utilizamos aqui refere-se a jovens que devido a sua obsessão pelo universo virtual recorrem inclusive ao relacionamento com personagens de videogame.

²⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Games/0,,MUL1392691-9666,00-> , JAPONES+SE+CASA+COM+PERSONAGEM+DE+VIDEOGAME+EM+CERIMONIA+NO+MUNDO+REAL.html, acessado em 20 de outubro de 2016.

²⁵ Vale lembrar que no Love Plus Nene é uma apenas um dos nomes disponíveis do perfil de garotas que o jogador deve escolher dentre os possíveis que são: Manaka, Rinko, e Nene. Cabe ressaltar ainda que uma nova versão do jogo o New Love Plus + foi lançado em 27 de março de 2014, para o 3DS Nintendo no Japão.

Segundo a reportagem publicada também pela revista *Época Negócios*:

O “noivo” conheceu Nene enquanto jogava “Love Plus” em seu Nintendo DS. No jogo, várias “meninas”, todas com cara e corpinho de personagem de histórias em quadrinhos japonesas, se apresentam ao jogador, que escolhe uma delas para “namorar”. Nesse caso, o homem, que não quis divulgar seu nome, começou a namorar a garçonete. Diz que a experiência foi tão boa que ele decidiu levar o relacionamento para o próximo estágio, oficializando o romance com um casamento de verdade.²⁶

O caso em questão é um dos exemplos de jovens japoneses que vem perdendo a cada o seu interesse pelos relacionamentos e mesmo pelo sexo real. O fenômeno tem sido chamado de “Síndrome do Celibato” uma recente reportagem do “*The Guardian*” afirmou que um terço das pessoas com menos de 30 anos no Japão nunca teve um relacionamento amoroso e que a taxa de natalidade teve uma grande queda no ano de 2012, certamente um reflexo desse novo comportamento dos chamados OTAKu Japoneses. De acordo com texto reproduzindo na página do Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora o fenômeno já preocupa o governo japonês que tem que a taxa de natalidade do país que já é baixo se torne ainda menor no futuro. No referido texto encontramos também um resumo da matéria do “*Theguardian*” feita pelo jornal londrino Times:

1. No Japão um terço das pessoas com menos de 30 anos nunca teve encontros amorosos.
2. 45% das mulheres dizem não ter nenhum interesse em sexo ou que detestam o ato e mais de 25% dos homens afirmam o mesmo.
3. Em 2012 venderam-se mais fraldas para adultos do que para crianças, o que significa um decréscimo da natalidade.
4. 61% dos homens e 49% das mulheres com menos de 35 anos não tem sexo nem estão em qualquer tipo de relação amorosa.
5. 90% das mulheres jovens dizem que ser solteira é melhor do que o que imaginam ser a vida de casado.
6. O termo homem-herbívoro (*grass eating man*) foi inventado para definir estes jovens que não se interessam por sexo.
7. Lojas de conveniência vendem roupa interior descartável

²⁶

<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI105817-16353,00-JAPONES+CASA+COM+NAMORADA+VIRTUAL+MAS+DA+FESTA+NO+MUNDO+REAL.html>.

8. Mulheres com idades próximas dos 20 anos apresentam uma taxa de 25% de nunca virem a casar e 40% de nunca ter um filho.

9. Kunio Kitamura, chefe da Associação Japonesa de Planejamento Familiar e conselheiro do governo nos assuntos da família disse que «o impulso sexual vem dos homens» e «as mulheres não experimentam os mesmos níveis de desejo».

10. As pessoas estão muito ocupadas com jogos de vídeo para ter sexo. Um virgem de 30 anos só se consegue excitar quando vê robôs femininas num jogo de computador e uma mulher afirma que não tem tempo para encontros já que está ocupada, há dois anos, com um jogo onde gere uma loja virtual de doces.²⁷

Os pontos levantados pela reportagem, talvez possam ser explicados a partir da dinâmica contemporânea da tecnologia que ao mesmo tempo em que encurtou as distâncias, esfacelou o tempo físico e permitiu a comunicação em tempo real, diminuiu os encontros físicos criando uma nova sociabilidade. Vivemos hoje no tempo da conexão, a popularidade de um indivíduo é medida hoje em dia pela quantidade de amigos que ele possui no Facebook ou mesmo pelo número de seguidores no Twitter, não saímos mais para a balada ligamos nosso aplicativo ou seja vivemos uma inversão de valores que substituem o contato físico, a arte da conquista, o toque e as emoções físicas. Para o homem moderno estar incluído socialmente significa ter acesso a uma sociabilidade que passa dentro das fibras óticas. As relações interpessoais face a face refluíram, o momento de compartilhar as amarguras, os sentimentos, confidências com os amigos mais próximos se tornaram cada vez mais raros, hoje simplesmente, postamos, indicamos nosso estado de humor e compartilhamos tudo que achamos interessantes ou não, pois o que importa que é todos sabiam que estamos online mundo. Tal característica do mundo atual, somada a preocupação com doenças como a AIDS, tem modificado não só as relações sociais, como também a própria sexualidade dos homens contemporâneos.

Conforme adverte Picitelli, as pesquisas no ciberespaço vêm obtendo crescente legitimidade no âmbito da antropologia. No entanto, as discussões presentes nessa disciplina mostram as inquietações suscitadas, sobretudo, pela idéia de uma “etnografia”

²⁷Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2013/10/25/sindrome-do-celibato-por-que-os-jovens-do-japao-nao-fazem-mais-sexo/> acessado em 20/10/2015.

em espaços virtuais. Esse debate trata de problemas éticos e de diversas ordens de questões metodológicas.²⁸

Uma das explicações possíveis para “a Síndrome do Celibato” no caso japonês, pode ser buscada na própria característica dos ambientes virtuais que permitem a construção de nova identidade social e sexual. O espaço digital não só possibilita separar os indivíduos no espaço-tempo como também possibilitar uma reconfiguração dos corpos e dos gêneros. A rede mundial de computadores tem sido constantemente utilizada para relacionamentos de amizade, encontros românticos e sexuais. Essa nova sociabilidade além de inibir os encontros presenciais transforma também a própria de noção de corpo como algo orgânico.

Próteses corporais, sexo cibernético, declínio da realidade dos fatos, anulação dos tempos locais, poluição das distâncias físicas: o filósofo e urbanista Paul Virilio (*ex-diretor da École d'Architecture de Paris*) discute a amplitude das novas tecnologias e aponta para os riscos totalitários da colônia global multimidiática. (As notas de rodapé estão embutidas no próprio texto).²⁹

O ciberespaço permite a construção de um corpo artificial, existente apenas nessa dimensão virtual. Isso, talvez, seja o atrativo para que pessoas de várias idades, de ambos os sexos passem horas diante do computador se relacionando virtualmente e fugindo dos encontros presenciais. Isso pode ser exemplificado no diálogo que mantive, via sala de bate papo, como pesquisador/observador com um jovem de São Paulo. Para entrevistar o referido jovem entrei na sala de bate-papo com o “*nick*” **luc** – fiz questão de escolher um apelido que fosse ambíguo, ou seja, que não revelasse de imediato minha condição de homem ou mulher. Tal estratégia buscou verificar a disponibilidade dos usuários para diálogo que não necessariamente renderiam um encontro ou transa, já que as pessoas utilizam a sala também para não se sentirem sozinhas, não somente para encontrar parceiros. O jovem em questão tinha como *nick* leo z/o funkeiro, tem 25 anos de idade e ensino médio completo. Vejamos, então, o que nos revela o diálogo:

²⁸ PISCITELLI, Adriana. **Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual**. Cadernos Pagu nº 25. Campinas Jul./Dez. 2005.

²⁹ ARAUJO, Hermetes Reis (org.). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.01

(06:57:21) **leo z/o funkeiro:** 3 colegial completo 25 anos
 (06:47:15) **leo z/o funkeiro:** oi
 (06:47:15) **luc:** oi
 (06:47:48) **luc:** posso te entrevistar
 (06:48:01) **leo z/o funkeiro:** pode
 (06:48:55) **luc:** ok
 (06:49:12) **luc:** me diga você sempre entre na sala em busca de transas?
 (06:49:21) **leo z/o funkeiro:** não
 (06:49:34) **leo z/o funkeiro:** só entro para passa o tempo

No primeiro trecho abordei os motivos que o levavam a entrar nas salas de bate-papo e obtive como resposta que o referido jovem utilizava a sala apenas para passar o tempo e não necessariamente para conseguir transas. Perguntei também, quanto tempo o jovem passava na sala de bate-papo e ele me revelou que geralmente: (06:51:26) **luc:** quantas horas vc fica no sala geralmente? (06:51:35) **leo z/o funkeiro:** 3 horas.

Em seguida, questionei sobre como você apresentava seu corpo no ambiente virtual e ele afirmou que sempre dizia a verdade sobre suas características físicas ao seu interlocutor.

(06:49:38) **luc:** Vc faz sempre diz a verdade em relação ao seu corpo
 (06:49:47) **leo z/o funkeiro:** sim

Questionei ainda se ele gostava de sexo virtual e ele respondeu que não e reafirmou que entrava apenas para dialogar com as pessoas e passar o tempo:

(06:50:11) **luc:** vc gosta de sexo virtual ?
 (06:50:17) **leo z/o funkeiro:** não
 (06:50:32) **luc:** so entra pra fazer contato?
 (06:50:39) **leo z/o funkeiro:** nao
 (06:50:43) **leo z/o funkeiro:** so entro para passar o tempo
 (06:51:45) **luc:** e o que procuras?
 (06:51:55) **luc:** através do site?
 (06:52:14) **leo z/o funkeiro:** eu não procuro nada somente quero passar o tempo

Diante da resposta o entrevistado, tentei refletir com ele sobre quais os motivos que faziam com que ele preferisse o ambiente virtual e não os encontros sociais face a face em lugares mais coletivas ou mesmo privados.

(06:52:37) **luc:** por que não passar o tempo em bares, boates ou outros lugares?

(06:52:51) **luc:** por que prefere o computador?

(06:52:54) **leo z/o funkeiro:** nao tenho dinheiro para sair

(06:53:01) **luc:** certo

(06:53:13) **luc:** ja conheceu muita gente no bate papo

(06:53:18) **luc:** fez amigos?

(06:53:21) **leo z/o funkeiro:** so 2

O entrevistado respondeu que não tinha dinheiro para sair, mas não acreditei nessa resposta, pois afinal de contas, existem outras formas de relacionamento que não dependem necessariamente de questões financeiras, tais como a praça, a vizinhança e outros. E durante os vários anos em que acessa o ambiente virtual só fez dois amigos, como então sustentar a tese de que os meios de comunicação aproximam as pessoas?

É interessante observar que o entrevistado revela que nunca teve uma transa real com pessoas que tenham conhecido nos ambientes virtuais.

(06:54:02) **luc:** ja teve algum encontro sexual que realizou?

(06:54:09) **leo z/o funkeiro:** nao

(06:54:29) **luc:** nunca transou com ninguém que tenha conhecido no site?

(06:54:40) **leo z/o funkeiro:** nunca

(06:54:58) **luc:** mas gostaria ou prefere só conversar?

(06:55:10) **leo z/o funkeiro:** só conversa

Fico pensando quais os motivos que levam um indivíduo a entrar na sala de “bate-papo”, um espaço destinado, sobretudo, aos contatos sexuais e não querer encontros reais? Me intrigou ainda mais o fato de o entrevistado, numa descrição virtual, demonstrar ser um homem bastante atraente:

(06:55:26) **luc:** vc poderia fazer uma descrição do seu corpo?

(06:55:41) **leo z/o funkeiro:** alto e magro

(06:56:55) **leo z/o funkeiro:** 180alt 70k olhos e cabelos castanhos

(06:56:56) **leo z/o funkeiro:** 180alt 70k olhos e cabelos castanhos

O entrevistado me disse ser heterossexual e que conversava apenas com mulheres no *site*, contudo em nenhum momento me perguntou se eu era homem ou mulher e respondeu a todas as minhas perguntas sem se incomodar.

(06:57:29) **luc:** heterossexual?bi?

(06:57:39) **leo z/o funkeiro:** hetero

Perguntei também se tinha sido vítima de pessoas que mentem sobre identidade no ambiente virtual e o mesmo respondeu que sim:

(06:59:27) **luc:** vc já encontrou alguém se passando por outra pessoa no site

(06:59:36) **luc:** homem dizendo que é mulher

(06:59:44) **leo z/o funkeiro:** já

(07:00:00) **luc:** pode me contar como foi?

(07:00:42) **leo z/o funkeiro:** tinha um nick de mulher e depois ele falou que era homem

(07:01:26) **luc:** e vc se mostrou para ele na cam ou foto?

(07:01:35) **leo z/o funkeiro:** não

(07:01:59) **luc:** por que vc acha que as pessoas fazem isso?

(07:02:09) **leo z/o funkeiro:** sei la, mas isso é normal

(07:02:21) **luc:** ok

(07:02:30) **luc:** obrigado pela entrevista³⁰

Como se observa em sua resposta fica claro que isso não o incomoda muito, pois como já assinalei o entrevistado respondeu minhas perguntas sem questionar minha identidade sexual.

Esse processo pode ser entendido, em princípio como mais um exercício de liberdade que permite espaçar da realidade e realizar nossas fantasias sexuais, contudo num segundo momento o personagem acaba aprisionando seu criador. E o que observamos no trecho abaixo que retrata o caso de um homem de 35 anos que, durante período, viveu a partir da virtualidade:

Desempregado, pobre, gordo e feio. Que chances eu teria de ter alguém?”, perguntava-se, no passado, Gustavo*, de 35 anos. Por muito tempo, ele fez o que a psicóloga explicou ser um comportamento patológico. “Eu não saía mais. Não queria mais ter contato com

³⁰ Disponível em: <http://bps.uol.com.br/room.html?t=1277502208146>, acessado em 25/06/2010.

peessoas”. Ele assume que sua vida pessoal, amorosa e sexual resumia-se a conversar de mensagem instantânea pela internet. “Eu não sabia o que era mulher há anos. E achava que essa era a saída para um cara como eu, que nenhuma mulher se interessaria. Mas percebi há tempo que era exatamente o oposto”. Com a ajuda da família e dos amigos, Gustavo procurou um terapeuta. “Percebi, então, que eu não tinha que fugir do que me incomodava em mim. Tinha que mudar. Foi o que eu fiz: passei a fazer terapia, o que me encorajou a procurar um emprego e até emagrecer”, diz. “Mas não é isso que me impede de conhecer mulheres. Estou solteiro, mas já namorei desde que saí do buraco e já tive outros casos. Voltei a viver”, conta ele, que vê o computador de outra maneira. “Claro que eu ainda navego na internet. Só que, agora, não como uma forma de fugir da realidade”.³¹

É interessante notar no depoimento de Gustavo que a sua patologia, como classificou sua psicóloga, que se tratava de ficar restrito ao ambiente virtual, inicia-se com sua rejeição a sua aparência, a seu corpo e a sua condição social. O próprio depoente intitula-se *pobre, feio, gordo* e é justamente o fato de o mesmo não se enquadrar ao padrão vigente na sociedade que o leva a negar a si mesmo e a buscar sua reinvenção no *ciberespaço*.

Se no fim do século XIX, os “perversos”, “pervertidos sexuais” e os masturbadores eram alguns dos alvos preferidos pela caçada social a um inimigo, hoje, os apreciadores do tabaco – “adictos” ou não – e as pessoas com perfil não completamente esguio parecem ocupar o lugar da caça. O cigarro e a gordura corporal são o novo satã que toda a ciência, unida à ética e à estética, deve combater. Da mesma forma que antes, quase toda a sociedade se mostra engajada em “salvar” as vítimas escolhidas. As autoridades, governos, pais, educadores, artistas, ong’s das mais variadas tendências e cientistas – em especial os médicos – vigiam constantemente os passos daqueles que ousam ir contra o “mito salvador da saúde”.³²

Assim, compreendemos que o narcisismo reinante na sociedade e o surgimento de novas “vítimas” do enquadramento em tipos ideais são elementos que imputam a busca da perfeição corpórea, nem sempre possível na vida real e, por vezes, realizada no espaço virtual, mesmo que o encontro físico entre esses sujeitos idealizados construídos

³¹ Disponível em: <http://www.cabecadecua.com/amoresexo/search/?q=fantasia%20sexuais&pag=2>, acessado em 25/06/2010.

³² LEITE Jr., Jorge. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. In: DÍAZ-BENITES, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 524.

discursivamente em tais *sites* nunca ocorra. O problema de um corpo virtual, mesmo produzido como longilíneo e saudável, é que ele somente pode sustentar uma relação virtual, ou seja, o ciberespaço torna-se mais um espaço de manifestação do individualismo hedonista característico da contemporaneidade e mantém os indivíduos lançados em sua estagnada solidão.